Teresa Nunes da Ponte

OCUPAÇÃO RURAL ROMANA EM *PAX IULIA* (BEJA): OS CASOS DE TORRE VELHA 1 E TORRE VELHA 7

Apresentam-se de forma sumária, alguns dados obtidos nas campanhas de minimização e escavação, dos sítios arqueológicos Torre Velha 1 e Torre Velha 7 (Serpa), afectadas pela construção e enchimento da Barragem da Laje (Serpa),no âmbito do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.
O assunto a tratar incide sobre os sítios romano, tardo-romano e islâmico da Torre Velha 1 e Torre Velha 7, localizados no concelho de Serpa (Alentejo). Algumas considerações serão apresentadas sobre conjuntos cerâmicos e cronologia

1. Localização (fig. 1)

Os sítios Torre Velha 1 (CNS 2584) (*villa* romana) e Torre Velha 7 (CNS 31321) (instalação agrícola romana) implantam-se no distrito de Beja, concelho de Serpa, junto ao Barranco da Laje e em frente ao actual Monte da Herdade da Torre Velha. Os sítios foram intervencionados em duas fases: a primeira em 2008, a cargo da empresa Palimpsesto, Arqueologia e Património e a segunda fase em 2010, a cargo da empresa Arkhaios, Profissionais da Paisagem e Arqueologia, uma vez que no âmbito do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, iam ser submersos pela albufeira da Barragem da Laje.

A villa de Torre Velha 1 (fig. 2)

Se em 2012 escrevíamos a origem da *villa* romana de Torre Velha ou Torre Velha 1 deve ser procurada em período Flaviano[1] hoje, a identificação de um fragmento de campaniense, obriga a ser um pouco mais prudente, podendo o início desta ocupação remontar à segunda metade do séc. I a. C. De acordo com Conceição Lopes, nesta zona a grande maioria das villae parece só ter origem nos reinados de Augusto e Tibério, não permitindo os materiais recolhidos em prospecção ou em escavação recuar ou melhor precisar este momento de instalação inicial[2]. É de assinalar a presença de cerâmicas Campanienses no Monte da Chaminé (Ferreira do Alentejo), Pisões (Beja) e Monte da Cegonha (Beja)[3], mas também na Cidade das Rosas (Horta do Folgão, Serpa)[4] e agora em Torre Velha 1[5], o que levanta alguma prudência ao colocar o inicio de ocupação no local na 2.ª metade do século I d. C., como inicialmente pensamos.

Todavia pouco é conhecido desta primeira fase de instalação do estabelecimento. A grande quantidade de reformas arquitectónicas levadas a cabo, ao longo da sua diacronia de ocupação, mascarou ou destruiu muitas das estruturas pertencentes a este primeiro momento de instalação.

Construído *ex-novo*, uma vez que não se encontraram precedentes ocupacionais pré-romanos no local, documentou-se melhor este momento inicial de instalação, nas intervenções de 2008 efetuadas pela empresa Palimpsesto. Nesta intervenção, na designada sondagem 1 escavaram-se vestígios de um edifício de planta quadrada com cronologia Imperial, ainda que continuamente ocupado e reformulado, ao longo de todo o período de vigência e ocupação humana do local, materializado na construção e posterior amortização de compartimentos, estruturas e na sucessão de pavimentos, constatada nas sondagens 1, 2, 3 e 4, (já da intervenção da empresa Arkhaios) culminando com a abertura de uma série de fossas de despejos e suportes para talhas com cronologias, as quais em 2012 atribuímos ao período Califal[6], mas hoje em face de um estudo aprofundado do espólio estendemos até ao século XII

O acima mencionado processo, de conversão dos antigos espaços habitacionais da *villa* que culmina com a abertura dos silos e fossas em época Islâmica, é precedido de um acrescento ao edifício original, após a amortização da parede de limite Sul do edifício original, em época difícil de precisar, de um corpo estranho, cuja planta e funcionalidade não se conseguiu apurar, com a área intervencionada.

Mas, a primeira fase de instalação da *villa* está sobretudo representada a nível do espólio, o qual (como já referimos) parecia ilustrar de uma maneira geral uma primeira instalação em período Flaviano em sincronia com o verificado em outras *villae* da região. Entre o espólio recolhido destacam-se a TSH, nas formas Drag. 15/ 17 ou 18. Estes pratos apontam para uma cronologia entre Cláudio/Nero e Vespasiano, numa primeira fase e continuam em época Flaviana em grande

[1] Nunes da Ponte 2012, 841–847.
[2] M. C. Lopes, A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da «*civitas*»de *Pax Iulia* (Coimbra, 2004).
[3] Lopes 2004, 248.
[4] Está exposto no Museu de Serpa um fragmento de cerâmica campaniense da Cidade das Rosas.
[5] Esta listagem não é exaustiva.
[6] Nunes da Ponte 2012,841–847.

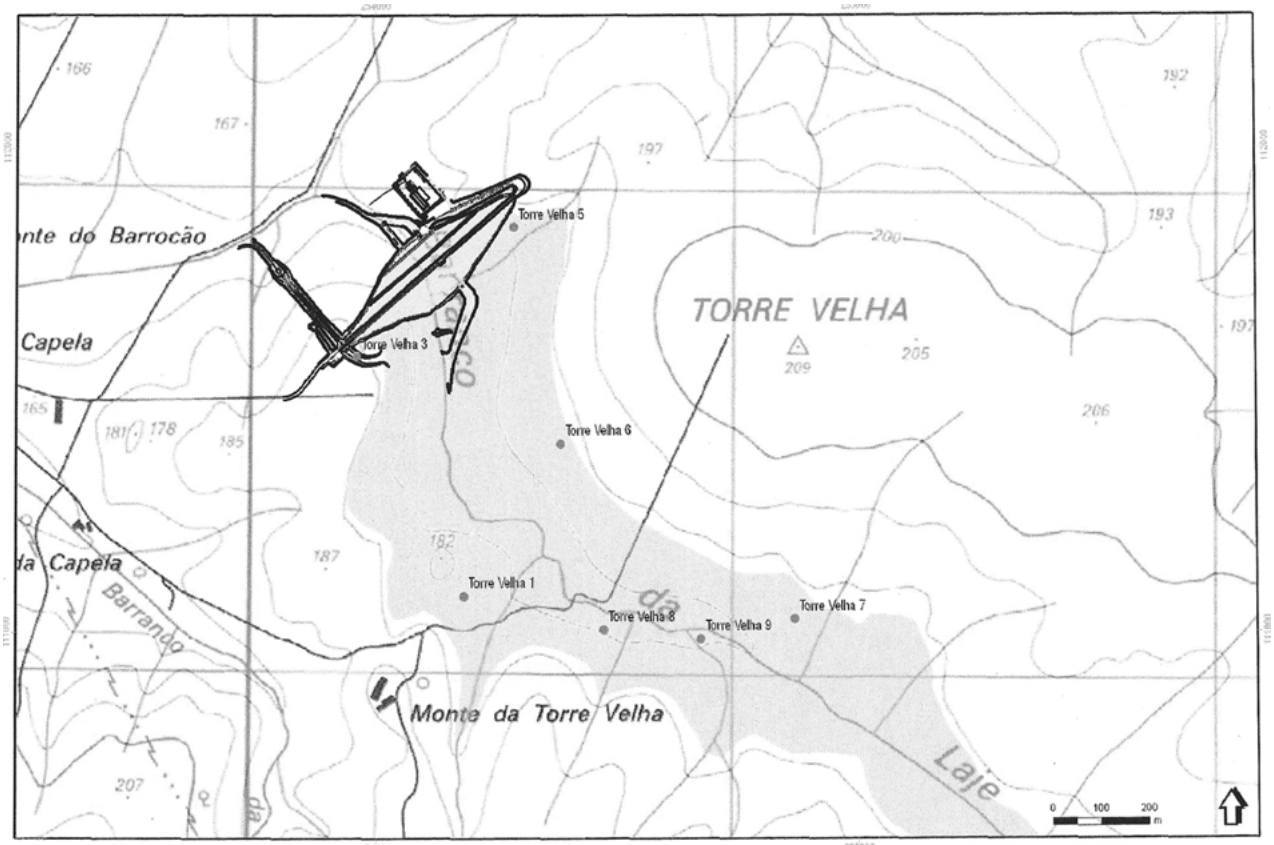

Fig. 1. Implantação de Torre Velha 1 e Torre Velha 7.

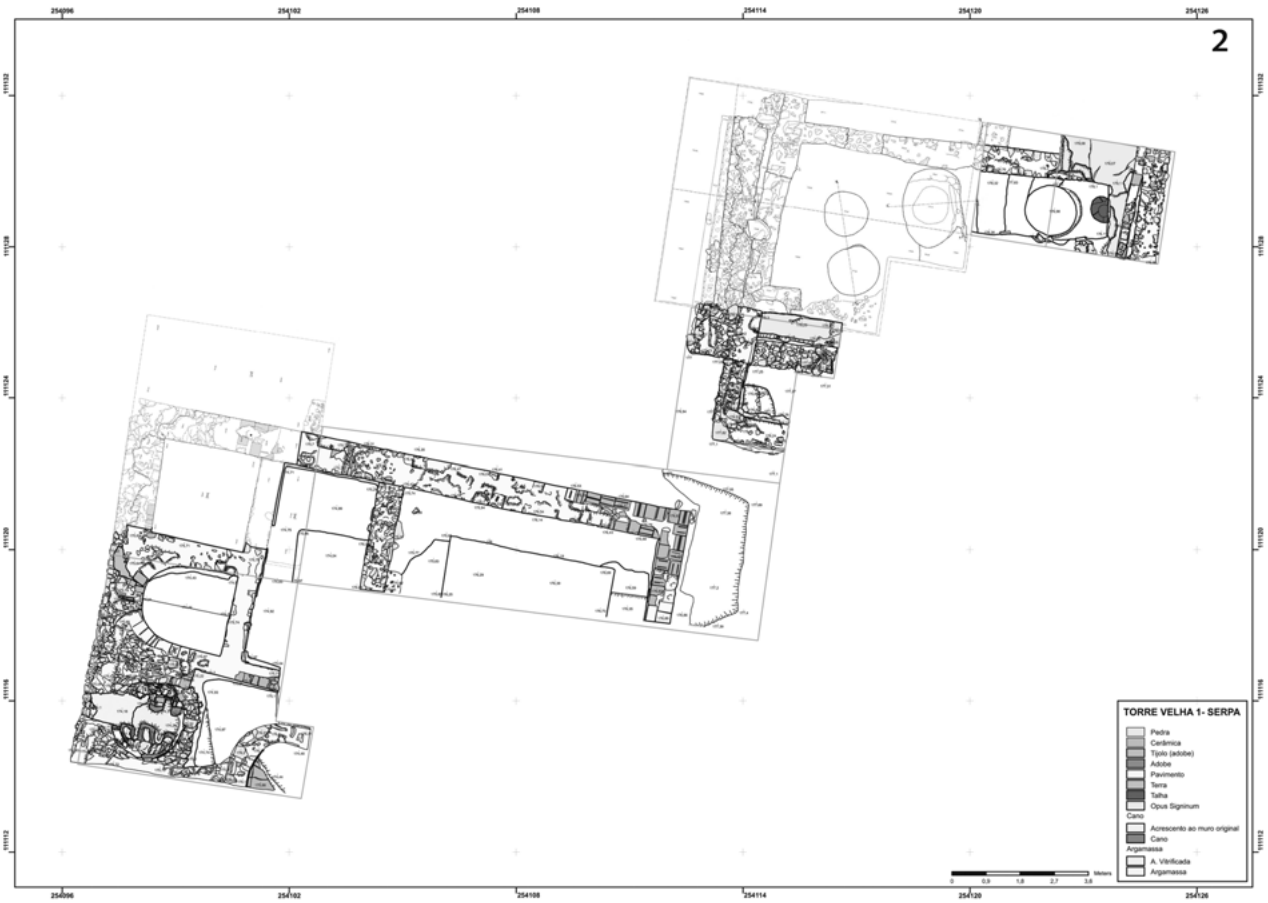

Fig. 2. Torre Velha 1, planta final.

número, começando a escassear em finais do século I d. C. sendo raros os que atingiram a época de Trajano[7]. Sublinhem-se ainda as Drag. 37, decoradas quer com séries de círculos concêntricos, ou decoradas com faixa de *chevrons*, seguida da clássica divisão por métopas, formadas por 3 cordões serpenteantes e nova faixa de *chevrons* que encerra motivos de decorativos, muito erodidos de inspiração sud-galica[8]. Por último, recolheram-se as formas Drag. 27 e as 24–25. Recolheram-se ainda fragmentos de TSSG das formas Drag. 18 e 37. A estes materiais associam-se ainda fragmentos de paredes finas de fabrico emeritense e ânforas das formas Dressel 20, de fabrico Bético e Dressel 14 de fabrico lusitano.

A presença de materiais do período Alti-Imperial com perdurações até ao Baixo-Império, entre os quais se destacam: um fragmento de bordo de uma ânfora Dressel 20 cuja produção se inicia com Augusto, alcança o apogeu no período de Cláudio e perdura até finais do séc. III ou mesmo o século IV, segundo alguns autores[9] e fragmentos de TSC A com uma cronologia de fabrico desde o século II até ao século III d. C[10], bem como de Clara C, asseguram a continuidade da ocupação do sítio ao longo deste período.

Mas é no século IV d. C. que são patentes grandes alterações na estrutura e evolução do sítio Torre Velha 1. É de atribuir a este período a construção do que parece ser um segundo edifício, implantado a uma cota inferior, ao anterior, com funções de balneário. O século IV d. C, na Hispânia é um século excepcional para o desenvolvimento e o crescimento da arquitectura termal, associado a importantes *villae*, caracterizando-se por uma complexidade arquitectónica, e planimétrica relacionada a luxuosos acabamentos e ornamentos[11].

Comum a estes complexos, transformados desde finais do século III d. C. e ao largo do século IV d.C. é o papel predominante os seus espaços frios assumem *(vestibula, apodytera*, *frigidaria)* que parecem converter-se em salas de recepção de uma elite aristocrática que reforça a sua coesão através, do uso de grandes complexos termais privados.

A arquitectura balnear privada, transforma-se em um dos veículos da aristocracia tardo-romana para evidenciar a *dignitas*, estatuto social e riqueza do proprietário[12]. Porém será também desde finais deste século e, sobretudo, ao longo dos séculos V e VI d. C. que este tipo de instalações começam a sofrer uma série de transformações, abandonando o seu caracter termal, para adoptar outro tipo de funções, quer sejam religiosas, funerárias ou produtivas[13],tendência que se vê confirmada, no caso apresentado.

Do exposto, a partir do período tardo-antigo mantem-se a ocupação no sítio, mas diminui-se a área ocupacional e existe uma reconversão das zonas anteriormente ocupadas com caracter de lazer e higiene, adoptando caracter produtivo. De registar que, habitualmente, as alterações da funcionalidade do espaço associam-se ao âmbito funerário, cultual ou habitacional, tal como é o caso por exemplo do Monte da Cegonha (São Matias), onde sobre as termas se constrói uma basílica, sendo mais raro a reutilização produtiva dos balneários das *villae*, no entanto a reconversão de áreas habitacionais em espaços produtivos verifica-se, por exemplo, em Freiria[14].

No caso em estudo é possível afirmar que em um momento indeterminado da Antiguidade tardia, parte do complexo termal da *villa* terá sido inutilizado e reconvertido em espaço produtivo, materializado na destruição de um *alveus* (Ambiente VII) e na construção de um forno (Ambiente IX), sabemos também que em meados do século VI–VII d. C, o forno já não está em funcionamento. Relacionado com este fenómeno poderá estar a amortização do possível *frigidarium* e a sobrelevação dos espaços de circulação particularmente bem exemplificada nas sondagens 6, 5 e 7. No entanto, sabemos que esta área continua a ser ocupada, pois, sobre estes níveis de derrube regista-se a presença de canalizações, ainda que muito destruídas, associadas a prováveis níveis de pavimento, materializados na presença, no interior do Ambiente V e IV de camadas de argamassa com muitos materiais de construção, com um espólio cujo leque de formas é reduzido: potes e/ou panelas de perfil em S, panelas ou púcaras com a asa a nascer do bordo, bordos boleados, colos curtos e oblíquos, corpos globulares e fundos planos; pratos e alguidares com fundo plano e paredes rectilíneas divergentes. As decorações são feitas basicamente a partir da aplicação de cordões plásticos digitados, linhas incisas em ondulado, com ungulações ou em ziguezague e impressões cordadas, com paralelos em Jazidas no Alto algarve Oriental compreendidas entre os séculos V e VIII d. C.[15] e mesmo do século IX a. C.

Esta cronologia não é de estranhar, pois acompanha o que se conhece da jazida e confirma a continuidade da ocupação do sítio, ao longo de um grande intervalo de tempo, que culminará no Século XII, de acordo com uma tendência constatada nas regiões do Sul, onde as antigas *villae* continuam a ser habitadas pelo menos até ao século XI[16] embora com uma dinâmica funcional bem diferente.

Torre Velha 7 (fig. 3)

Torre Velha 7 implanta-se a meia encosta, virado a Oeste, na margem direita da Ribeira da Laje e surge classificado em sede de Recape, como um pequeno sítio de época romana, onde numa área bastante restrita se identificou uma concentração de material de construção romana[17]. Durante a primeira fase dos trabalhos, a cargo da Empresa Palimpsesto

---

7 Carvalho 1998, 71.
8 Viegas 2009, 333
9 R. Morais, As ânforas da Zona das Carvalheiras. Contribuição para o Estudo das ânforas Romanas de Bracara Augusta. Cadernos Arqu. Monogr. (Braga 1998).
10 Viegas 2003.
11 Garcia Entero 2005–2006, 61–68.
12 Garcia Entero 2005–2006, 61–68.
13 Garcia Entero 2005–2006, 61–68.
14 Garcia Entero 2005–2006, 61–68.
15 H. Catarino, Formas de ocupação rural em Alcoutim (Séculos V–X). In: J. López Quiroga/C. Lopes/C. Férnandez Ochoa (coords), Formas de ocupación rural en la 'Gallaecia' y en la 'Lusitania' durante la antigüedad tardía y la alta Edad Media. Cuadernos Prehist. y Arqu. 32 (Madrid 2006) 220; 239.
16 S. Macias/C. Lopes, O Território de Beja entre a Antiguidade Tardia e a Islamização. In: L. Cabalerro Zoreda/P. Mateos/T. Cordero Ruiz (eds.), Visigodos e Omeyas, el Territorio. Cuadernos Prehist. y Arqu. 61 (Merida 2012) 305–328.
17 Recape do Bloco de Rega de Serpa e de Brinches-Enxoé (Lisboa 2008).

escavaram-se três sondagens de diagnóstico, alinhadas no sentido Este-Oeste as quais, de acordo com os autores da intervenção, permitiram reconhecer contextos e vestígios estruturados de uma ocupação romana centrada no Baixo-Império, com perdurações para lá deste período sem que esta ocupação tenha ficado bem definida. Posteriormente, durante a segunda fase de trabalhos, a cargo da empresa ARKHAIOS, escavouse uma área mais abrangente, englobando as distintas realidades identificadas nas sondagens precedentes.

Refira-se que a escavação desta jazida foi condicionada pela escassa potência estratigráfica (0–40 cm em alguns locais), a qual condicionou a preservação de estruturas e níveis sedimentares arqueológicos, acentuados pelo tipo de solos magros e pela plantação em 2005 de um olival em regime intensivo. Pelo qual as camadas arqueológicas identificadas reflectem essa realidade. Conjugue-se com a percepção de que o sítio teve vários momentos de ocupação e remodelação de espaços ao longo do seu período de vigência, sem que estes tenham ficado claros ou bem caracterizados nas intervenções realizadas.

Desta forma Identificaram-se uma série de estruturas, as quais compunham partes de um edifício, cuja planta não foi identificada na totalidade, prolongando-se a instalação para além da área intervencionada[18]. Na planta apresentada ,no relatório da intervenção arqueológica efectuada,[19] é visível um núcleo formado por uma série de alinhamentos pétreos, que configuram distintos compartimentos rectangulares. É de salientar que uma breve análise aos paramentos das estruturas que configuram estes espaços, permite destrinçar diferenças a nível dos aparelhos e do tipo de ligante utilizado, o que indica a existência de fases diferentes de construção/reformulação do espaço deste (s) edifício(s).

Entre as estruturas reconhecidas destaque-se a presença de um tanque de forma rectangular revestido a *opus signinum*, com meia cana, com 3,85 m de comprimento por 2,00 m de largura (medidas do interior), u.e. [2019], muito destruído, conservando apenas cerca de 20 cm de altura conservada, nas suas paredes, associado a um tanque semicircular u.e. [1605], com 1,30 m de comprimento por 1,60 m de largura e de alçado conservado em cerca de 0,50 cm. O fundo deste segundo tanque tinha um desnível de cerca de 0,70 cm, em relação ao piso actual do tanque rectangular [2019][20]. De salientar que, no limite Sul do tanque [2019], no piso original foi identificado um rombo, o qual de acordo com a autora da intervenção: «poderá corresponder a uma remodelação da estrutura para adaptar um mecanismo de decantação no momento da construção do tanque semicircular...»[21]. As características destas estruturas permitiram à autora, considerar que estaria perante um sistema de decantação de líquidos, ou seja, o tanque rectangular [2019] funcionaria como receptor, enquanto o tanque semicircular [1605] seria interpretado como tanque de decantação de líquidos, provenientes do tanque de recepção [2019] (ao qual se encontra adossado) e que prenuncia uma inclinação de cerca de 10cm (Idem). Este segundo tanque de feição circular, no seu fundo possuía uma depressão circular e sobre este fundo identificaram-se os vestígios de um dolium partido *in sito*, o qual poderia corresponderia a um recipiente no qual seria armazenado o produto final proveniente da u.e [2019].

A u.e. [2019] para além de ser interpretada, como um tanque de recepção ou de depósito[22], poderá ser interpretada como um *calcatorium,* de um lagar de vinho*,* ou seja um espaço de esmagamento de uvas e separação do mosto, espaço normalmente difícil de identificar no registo arqueológico, pois para além de ser complicado destrinçar se estamos perante instalações de prensagem oleícolas ou vitivinícolas, (uma vez que ambas podem utilizar o mesmo sistema de prensagem), o próprio processo de pisar a uva poderá ser efectuada em recipientes de madeira, o que raramente deixa evidências a nível do registo arqueológico[23]. Por outro lado, o elevado grau de destruição em que normalmente se encontram este tipo de estruturas pode levar a que sejam interpretadas, apenas como tanques de recepção e /ou de depósito.

A presença de alguns elementos técnicos construtivos poderão indicar que nos encontramos perante um *calcatorium*, pois tratam-se de estruturas tecnicamente homogéneas, maioritariamente de forma rectangular que recorrem genericamente ao *opus signinum* e a elementos hidráulicos, como meias canas em *opus,* na junção do pavimento com as paredes de limite ou a poços de limpeza, de altura variável, geralmente com um orifício de saída para o mosto que liga directamente a um *lacu*s de alvenaria, o qual aparece a uma cota inferior[24], permitindo, assim, pelo sistema de pisar a uva e posterior decantação a recolha deste mosto e o processo de elaboração do vinho.

Esta descrição encaixa-se bem com o caso agora em estudo, se bem que, convém sublinhar, que a adição do suposto *lacus* de forma semicircular ao possível *calcatorium*, u.e [2019], parece ser efectuada em uma fase posterior à construção deste primeiro tanque rectangular, visível, quer pela diferente técnica de construção empregue, sem *opus signinum* a revestir as paredes, (apenas o pavimenta, com a típica meia cana no fundo), quer pelo rombo que é efectuado no pavimento do tanque rectangular, interpretado, como a construção de um orifício de ligação e escoamento de líquidos entre as duas estruturas[25].

Esta estrutura semicircular estaria parcialmente enterrada, e para a sua construção escavou-se um nível de compactação e nivelamento do terreno, uma cascalheira com cerca de 20 cm de espessura, u.e. [1604], sobre a qual assentaria um nível de circulação de terra batida, u.e. [1603][26]. A autora não o menciona, mas da leitura do relatório subentende-se que este nível de cascalheira e o dito piso em terra batida se circunscrevem a esta área a Sudeste do edifício.

É importante sublinhar que estruturas de características técnicas construtivas semelhantes às indicadas, são outras vezes associadas à produção de azeite e interpretadas como depósitos hidráulicos, nomeadamente na *villa* de *Lo Cortijo de Los Robes,* em Jáen[27]*,* conjugando-se esta iden-

[18] Matos 2011, 27.
[19] Corresponde à **fig. 3** deste artigo.
[20] Matos 2011, 18.
[21] Matos 2011, 25.
[22] Matos 2011, 25.
[23] Peña Cervantes 2010, 67.
[24] Y. Peña Cervantes, Aportaciones al Conocimiento de la Evolucion de la Veja Baja de Toledo, Estudio preliminar de la excavation de la parcela R.3. Espacio, Tiempo y Forma sér. 2 (Madrid 2009) 157–.75.
[25] Matos 2011, 20.
[26] Matos 2011, 19.
[27] López Marcus/Buzon Alarcon 2013–2014,387.

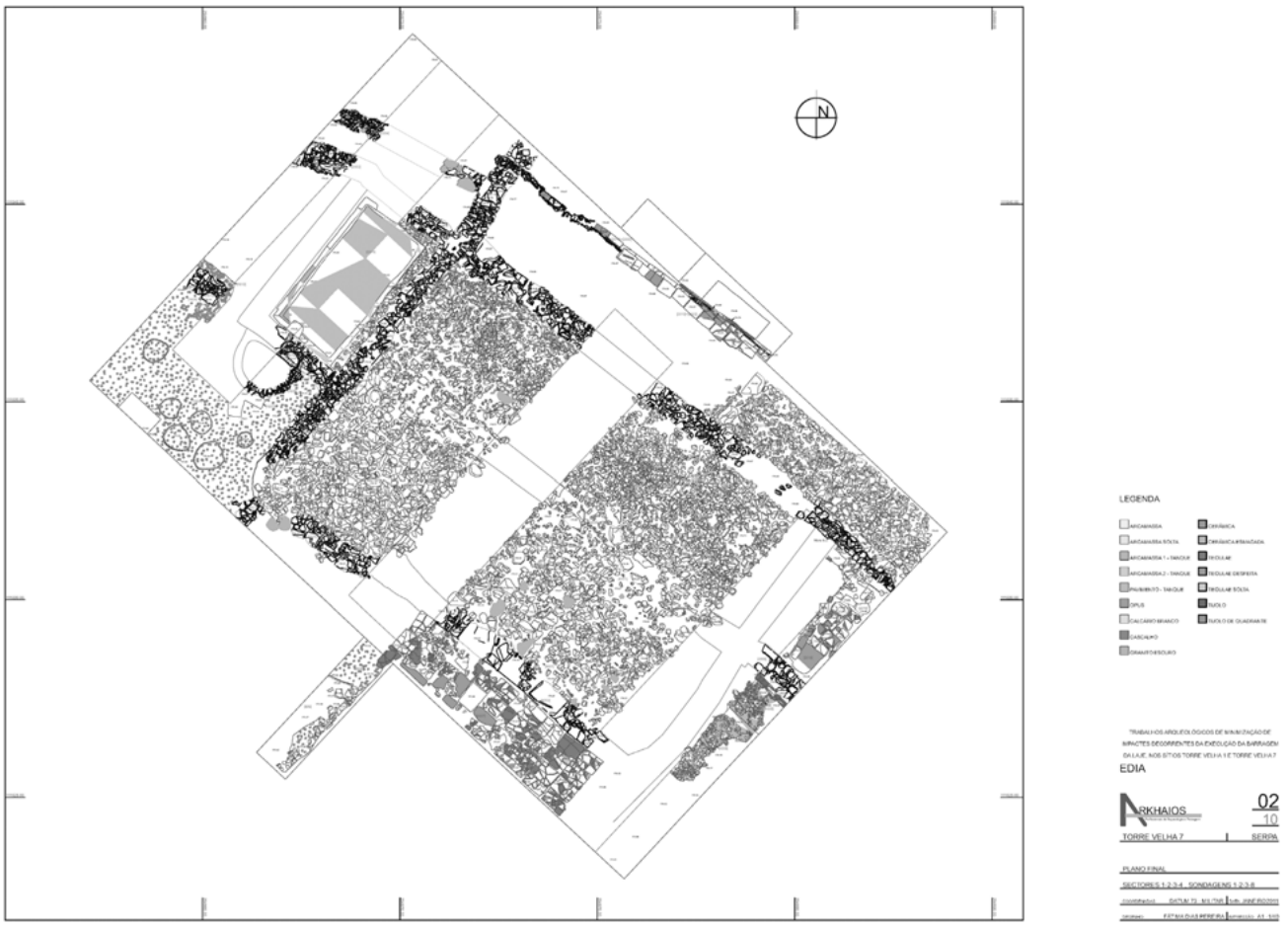

Fig. 3. Torre Velha 7, planta final.

tificação com a presença de outros indícios, nomeadamente a existência de grande quantidades de caroços de azeitona carbonizados, em um dos compartimentos vizinhos e pela presença de um *trapetum* reutilizado como contrapeso, na fase seguinte de remodelação da *villa*, datada da II metade do séc. II d. C[28]. Ou seja, apenas a sua vinculação com elementos de prensagem, moagem, armazenamento de vinho ou azeite permitem determinar com exactidão qual a sua funcionalidade[29]. Pois, na tentativa de estabelecer tipologias destas estruturas, invariavelmente presentes nas instalações de prensagem, o volume de informação que se pode extrair da análise dos *lacus* é muito limitado, dada a sua homogeneidade construtiva e diferenças de volume de capacidade, as quais variam invariavelmente de um sítio para o outro.

A Sudeste, adossado ao tanque rectangular em *opus signinum* [2019], detectou-se uma extensa plataforma de enrocamento, configurando um espaço com 11.90 m de comprimento por 8,40 m de largura, totalizando uma área de 99,96 m^2,[30] delimitada por diferentes estruturas pétreas lineares, as quais parecem indiciar distintos momentos de remodelação/alteração do espaço edificado original[31]. Este maciço pétreo adjacente ao tanque rectangular, do ponto de vista construtivo caracteriza-se pela presença de pedras de pequena dimensão sobrepostas numa camada de pedras de média e grande dimensão ligadas apenas por terra. Todo o maciço está delimitado por muros de alvenaria de blocos pétreos de média e pequena dimensão afeiçoados, com excepção do muro no limite SE o qual apresenta no seu aparelho alguns silhares, o que lhe confere uma construção mais robusta. Outro aspecto a considerar no empedrado/enrocamento é a presença de um muro central à estrutura, visível na sondagem 2[32]. Não foram identificados quaisquer vestígios de argamassa ou pavimento sobre o empedrado, o que, de acordo com a autora da escavação remete para um possível enrocamento para construção de uma plataforma superior, sólida para assentamento da prensa do lagar[33].

Nesta perspectiva aqui se desenvolveria a plataforma de prensagem, a uma cota superior, da qual apenas se conservou o dito maciço. A atentar por exemplos conhecidos e tal como era norma, neste tipo de instalações, deveria ter um revestimento impermeabilizante, tal como o *opus signinum*. Este tipo de estrutura é semelhante aos detectados, por exemplo, na villa romana de Freiria (Cascais) contígua ao lagar de azeite aí registado e identificado como o local onde assentaria a prensa

[28] López Marcus/Buzon Alarcon 2013–2014, 387
[29] Peña Cervantes 2010, 82.
[30] Matos, 2011, 20–32 .
[31] Matos, 2011, 30.
[32] Matos 2011, 32.
[33] Matos 2011, 32.

do lagar torcular [34]. Também no concelho de Serpa, na villa romana da Aldeia do Grilo foi identificado, contíguo ao espaço reconhecido como lagar de vinho e à respectiva plataforma de prensagem, um extenso e potente estrado pétreo semelhante ao identificado em Torre Velha 7, ainda que, os elementos pétreos em questão fossem de maiores dimensões, interpretado como um enrocamento para construção de uma plataforma superior[35]

2. Espólio e Cronologia de Ocupação

No panorama do espólio recolhido, na campanha de 2010 em T.V 7 destaca-se a elevada presença de *dolium* e de opérculos: as duas formas cerâmicas mais numerosas e representativas, relacionados com o tipo de contexto em que se inserem: instalações produtivas de um lagar.

O aparecimento de *dolia* neste estabelecimento atesta que se realizava uma importante actividade agrícola, ainda que desconhecemos qual o seu conteúdo. No entanto, alguns dos fragmentos de *dolium* possuíam a superfície interna pezgada, indício de que estarão relacionados com a contenção e armazenamento do vinho[36], os restantes poderão ter contido azeite. A presença de pez responde tanto à necessidade de impermeabilizar estes recipientes cerâmicos, como ao poder anti-séptico da resina. O próprio gosto desta resina chegará a converter-se em um sabor procurado pelos romanos, como evidência de um bom vinho, produzindo-se uma variedade específica, designada *picatum*, que se distingue precisamente pelo seu sabor resinado[37]. Aliás sublinhe-se a detecção na área imediatamente a Norte do tanque semicircular de uma série de interfaces negativos circulares que parecem corresponder ao negativo da colocação de recipientes cerâmicos deste tipo.

Entre os elementos cerâmicos recolhidos destaque-se um fragmento da forma Drag. 37 de fabrico gálico, típica do período Flaviano[38], ou um segundo fragmento da mesma forma, mas de fabrico Hispânico dos *ateliers* do Vale do Ebro, decorado com o estilo decorativo mais típico das produções hispânicas entre os finais do século I–II d. C, ou seja, as séries de círculos concêntricos[39]. Destaca-se ainda um fragmento de prato da forma Drag. 15/17.Estes pratos parecem apontar para uma cronologia entre Cláudio/Nero e Vespasiano, numa primeira fase, continuando em época Flaviana em grande número[40], começando a escassear em finais do século I, sendo raros os que atingiram a época de Trajano[41].

No que diz respeito as *sigillatas* africanas, predomina em absoluto o fabrico em A das formas Hayes 9B e Hayes 14/17, ainda que se registe um fragmento ocasional em C de um prato. As primeiras formas em africana A começaram a ser produzidas a partir da segunda metade/finais do séc. I (entre as quais se incluem as formas Hayes 6,7,8,9 A e 9 B) mas o auge da difusão destes produtos ocorreu em meados do séc. II e durante o séc. III, relacionados com o fabrico e difusão de formas como a Hayes 14, 17, 14/17[42]. O exemplar mais tardio de sigillata africana corresponde a um fragmento de africana C da forma Hayes 50 B, um prato de dimensões variáveis, com parede extrovertida, rectilínea e bordo de lábio semicircular ou ligeiramente biselado; cujas características morfológicas, a saber: abertura e inclinação das paredes, torna-se aceitável uma cronologia de meados do séc. III (230/40–325) – IV d. C[43].

Entre os contentores anfóricos recolhidos, a par de fabricos Lusitanos, minoritários no seio do conjunto estudado, dominam os contentores de fabrico Bético, nomeadamente da zona da baia Gaditana e da bacia do Guadalquivir destacando-se entre as formas reconhecidas uma Dressel 20, relacionada com o transporte e importação do azeite e do *defrutum* [44], com uma cronologia de produção desde o século II, até seguramente finais do século III, de acordo com datações consulares de 275 d. C, podendo entrar dentro do século IV[45],ou um fragmento de bordo de uma Dressel 14 contentor habitualmente relacionado com conteúdos piscícolas e seus derivados. A ânfora Dressel 14 Bética integra-se no tipo IV de Beltrán, tendo sido identificada a sua produção na Bética, em Calahonda e Motril (Granada). Uma produção local/regional lusitana encontra-se atestada na costa algarvia, e nos vales do Tejo e do Sado. A cronologia proposta arranca no século II, prolongando-se pelo século III [46].

Em termos de cerâmica comum dominam os fabricos locais, idênticos a fabricos registados na jazida Torre Velha 1. Quanto à forma registam-se as formas habituais deste tipo de contextos, sendo de salientar a elevada presença de tampas relacionada com o binómio *dolia* / opercula, e com a função desempenhada pelo conjunto edificado escavado. Quanto à morfologia a maioria das formas de cerâmica comum reporta-se à estação arqueológica de São Cucufate (Vidigueira), com um período de vida longo, materializados nas distintas *villae* escavadas na década de 90, pela equipa luso-francesa liderada por Jorge de Alarcão e Robert Etienne[47]. Destaca-se um amplo conjunto que oscila sob a designação de pote/panela de bordo em aba horizontal por vezes ligeiramente oblíquo, cujas cronologias apontam para o Alto, mas também para o Baixo - Império[48]. De referir ainda as bilhas da forma XII-A-2[49], bilhas de bordo oblíquo evasado formando face interna

[34] J. Encarnação/G. Cardoso, A *villa* romana de Freiria, cascais, e o seu Enquadramento Rural. Rev. Arqu. Assembleia Distrital Lisboa 2, 1995, 51–62

[35] M. Neves/M. Almeida/C. Ferreira, Intervenção de Arqueologia Preventiva Aldeia do Grilo Dryas arqueologia. Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos (Coimbra, 2010); C. Ferreira/G. Dias, *Torcularium* da Villa da Aldeia do Grilo (Serpa, Alentejo, Portugal). Dados Arqueográficos. In: *De vino et oleo Hispaniae*. Anu. Murcia 27–28, 2011–2012, 503–509.

[36] I. Vaz Pinto, Dolia de São Cucufate et Jarres Modernes de l´Alentejo: Essai de Ethnoarchéologie, In Itineraires Lusitaniens, trente années de collaboration archéologique luso française. (Paris, 1997)111-156.

[37] Peña Cervantes 2008, 32.

[38] Viegas 2009, 115.

[39] Viegas 2003, 143

[40] Carvalho 1998, 71

[41] Carvalho 1998.71

[42] Viegas 2009, 171.

[43] J. U. Nolen, Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa (Lisboa 1994); Viegas 2003, 73.

[44] Viegas 2009, 153

[45] R. Almeida, La Peña II (2009 & 2010). Una unidad de transformación vitivinícola en el territorio de Segóbriga (Madrid, 2010).

[46] Viegas 2009, 222.

[47] J. de Alarcão/R. Étienne/F. Mayet (dir); Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)(Paris 1990) .

[48] Vaz Pinto 2003, 67.

[49] Vaz Pinto 2003, 136.

oblíqua, colo estreito e asa vertical, as quais surgem com diferentes cronologia, consoante as jazidas arqueológicas, facto normal ao tratar-se a cerâmica comum, uma vez que o longo arco temporal de fabrico das formas de cerâmica comum conduz a que a mesma forma, em diferentes jazidas, se registe em contextos temporais distintos. Assim, na Ilha do Pessegueiro, esta forma surge em níveis do século II d. C[50], enquanto na Olaria do Pinheiro (Alcácer do Sal) apenas se regista em níveis do século III d. C[51]. Por sua vez em São Cucufate surge indiscriminadamente nos níveis Alti-imperiais e Baixo-Imperiais[52]. Entre o espólio registe-se ainda a presença de formas em cerâmica comum com cronologias mais tardias, baseadas em paralelos, que podem atingir os séculos V e VI d. C, nomeadamente em Milreu [53] e Cerro da Vila.

3. Conclusões

Os trabalhos de sondagens de diagnóstico em Torre Velha 7, realizados anteriormente pela equipa da empresa Palimpsesto[54] indicaram uma cronologia de instalação/ocupação para este sítio balizado entre os sécs. III e V d. C. A escavação realizada pela empresa Arkhaios em 2010, ao abranger uma área de maiores dimensões, permitiu alargar a cronologia de ocupação da jazida, ou melhor os primórdios da instalação agrícola no sítio, ao possibilitar recuar essa data até pelo menos ao Período da dinastia Flávia, ou seja a segunda metade do século I d. C, ou eventualmente até aos inícios do século II d.C., logo contemporânea da primeira instalação da villa «vizinha» romana da Torre Velha 1. Alguns elementos cerâmicos nomeadamente, as formas de cerâmica comum, permitem estender essa ocupação a períodos ainda mais recentes. No entanto é prematuro afirmar esse facto rotundamente.

Em termos de análise do sítio, o tipo de estruturas identificados indica que nos encontramos perante um local de trabalho, produção e armazenamento de cariz agrícola. Destaque-se na zona escavada a presença de um tanque revestido a *opus signinum,* com uma pequena bacia de decantação, bem como diversos muros e pavimentos que formavam compartimentos de tipologia e dimensão distinta. No núcleo central do edifício, realce-se uma série de alinhamentos pétreos que delimitam uma potente camada de enrocamento, para nivelamento e preparação do pavimento. A preparação deste enrocamento e a sua conexão com o tanque rectangular e correspondente pia de decantação circular, sugerem a sua utilização como superfície de prensado, como já foi referido. Por outro lado, a existência desta estruturação em blocos pétreos, poderá ser motivada, não só, pela necessidade da criação de uma plataforma sólida, para assentamento da(s) prensa(s) do lagar, mas também motivada pela necessidade de isolar as construções e protegê-las das capilaridades do solo.

Como escrevemos anteriormente, no espaço escavado a potência estratigráfica era diminuta e está evidenciada a existência de várias fases de construção/reformulação dos espaços cuja adscrição cronológica não é fácil, não tendo sido aqui abordadas. Todavia o que conhecemos do sítio autoriza a reconhecer, o local, pelo menos no Baixo-Império como um centro de armazenagem e transformação de produtos, na órbita da *villa* romana da Torre Velha 1, integrando o seu *Fundus*

teresaricou_2@hotmail.com
(PHD Grant holder; FCT/Universidade de Coimbra-CEAACP)

[50] C. T. Silva/J. Soares, Ilha Do Pessegueiro. Porto romano da costa Alentejana (Lisboa 1993)

[51] F. Mayet/C. T. Silva, L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal) (Paris 1998).

[52] Vaz Pinto 2003.

[53] F. Teichner, Zwischen Land und Meer. Architektur und Wirtschaftsweise lãndlicher Siedlungsplãtze im Suden der Römischen Provintz Lusitanien (Portugal) (Mérida 2008).

[54] I. Canavilhas/A. Gregório/E. Porfírio, Minimização de Impactes sobre o Património Cultural, decorrentes da Construção da Barragem da Laje, Serpa. Relatório Final Torre Velha 7, n.º 151 (Coimbra 2010).

Bibliografia

Carvalho 1998 — T. P. Carvalho, A Terra Sigillata de Monte Mozinho. Contributo para a história do povoado. Cadernos Mus. 3 (Penafiel 1998).

Peña Cervantes 2010 — Y. Peña Cervantes, Torcularia. La producción de vino y aceite en Hispania. Documenta 14 (Tarragona 2010).

García Entero 2006 — V. García Entero, Los balnea de las villastardoantiguas en Hispania. In: A. Chavarria/J. Arce/G. Brogiolo, Villas tardoantiguas en el Mediterráneo occidental. Anejos Archivo Español Arqu. 39, 2006, 97–111.

Vaz Pinto 2003 — I. Vaz Pinto, A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja) (Lisboa 2003).

Viegas 2003 — C. Viegas, A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio (Lisboa 2003).

Viegas 2009 — C. Viegas, A Ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia Do Algarve Central e Oriental no período romano (Diss. Lisboa 2009).